

PROJETO DE LEITURA “NAS RODAS DO SABER” UMA EXPERIÊNCIA SURPREENDENTE

Autor (1); Solange Valmira Ocker dos Santos

Universidad de la Empresa- UDE

tinaocker@hotmail.com

Co-autor (1); Sayonara da Luz Silva

Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

Sayonara.luz@bol.com.br

Resumo

As teorias elaboradas sobre o ensino da literatura no ensino médio em vários momentos da história se legitimam, tendo em vista, a importância da leitura na formação do indivíduo. Dessa forma, esse relato de experiência, tem por objetivo fazer uma reflexão da ação, e também, uma análise teórica sobre o projeto de leitura que trabalhamos em uma escola pública, no município de Governador Celso Ramos, estado de Santa Catarina. Este tema vem sendo discutidos em vários espaços, dentro e fora das escolas, pois a sociedade reconhece a dificuldade que boa parte dos brasileiros tem em ter uma prática de leitura, sendo que muitos desses nem chegam a ser considerados leitores proficientes. A construção desse projeto partiu da visão dinâmica do conhecimento e de práticas educativas, numa condição contextualizada, procurando atender aos anseios dos sujeitos envolvidos nesse desafio de disponibilizar obras literárias em uma escola que não tem uma biblioteca disponível para atender aos alunos do ensino médio noturno, e por acreditarmos que a Educação deveria estar intrinsecamente ligada ao conceito de Equidade. Portanto, na produção de ideias para esse debate, optou-se na pesquisa por uma bibliografia teórica sobre literatura e ensino médio, fundamentada em autores como Marin (2001), Lajolo (1993) e Souza; Cosson (2013). A contribuição do presente relato encontra-se em fomentar e reconhecer a importância da leitura no processo educacional.

Palavras-chave: Literatura, Ensino Médio, Leitura

Introdução

Percebemos que a realidade atual contribui para o afastamento do aluno da prática da leitura. Aspectos como computadores, videogames, TV, o acesso restrito a leitura no núcleo familiar, e a falta de incentivo, têm ocasionado pouco interesse pela leitura e como consequência disso, dificuldades marcantes que sentimos na escola: vocabulário precário, reduzido e informal, dificuldade de compreensão, erros ortográficos, poucas produções significativas dos alunos, conhecimentos restritos aos conteúdos escolares.

Vivemos um tempo de comunicação rápida, e que exige dos indivíduos cada vez mais, o pleno domínio de diferentes linguagens. Entre as linguagens, sem dúvida, a linguagem verbal –a língua falada e escrita- ocupa posição de destaque no universo da comunicação. Partindo desse pressuposto podemos inferir então que o indivíduo que domina a arte da comunicação, provavelmente será aquele que terá uma maior ascensão social. A leitura é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos do mundo que nos cerca e não apenas isso, mais que ela pode se constituir também em um poderoso instrumento para o autoconhecimento.

Portanto, percebe-se a necessidade de que a escola busque resgatar o valor da leitura como ato de prazer, como também, requisito para emancipação social e promoção da cidadania. A leitura nunca se fez tão necessária nos bancos escolares. De um lado há o aumento nas fontes de pesquisa e uma crescente preferência pelo construtivismo. De outro lado vemos a grande dificuldade de nossos alunos em compreender questões eliminatórias no vestibular onde as respostas assertivas dependem de uma proficiência leitora e só obtêm êxito quem tiver por hábito se atualizar através de jornais, revistas e livros.

Através da leitura o ser humano consegue transportar-se para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que o cercam e acrescentar vida ao sabor da existência. Pode então, vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem. Desse modo, pensamos ser dever da escola propiciar aos nossos educandos momentos que possam despertar neles o gosto pela leitura, o amor ao livro, e a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler.

Nessa perspectiva, instituímos o Projeto “Nas rodas do saber” e vamos construindo aos poucos o hábito da leitura e o gosto pelos livros. Nossa proposta, portanto, pauta-se em fomentar a leitura, fazendo com que nossos alunos compreendam melhor o que estão aprendendo na escola e o que acontece no mundo em geral, entregando a eles um horizonte totalmente novo. Pensando em resolver esse problema, além de estimular o hábito da leitura, é que foi idealizado esse projeto na Escola Estadual Maria Amália Cardoso, localizada na Fazenda da Armação, Governador Celso Ramos- S.C.

Problema

Os documentos oficiais das orientações curriculares para o ensino médio denotam que estimular e formar um leitor crítico não é tarefa fácil, visto que à prática escolar em relação à leitura literária tem sido a de desconsiderar a leitura propriamente e privilegiar atividades de *metaleitura*, ou seja, a de estudo do texto (ainda que a leitura não tenha ocorrido) aspecto da história literária, características de estilo, etc., deixando em segundo plano a leitura do texto literário. O que constata-se então, na prática, são alunos totalmente desinteressados, pois a maneira imposta no Brasil, como se sabe, do que se deve e do que não se deve ler tem se realizado principalmente por meio de livros didáticos, pela via fragmentada dos estilos de época, os quais historicamente vêm reproduzindo não só autores e textos característicos dos diferentes momentos da história da Literatura Brasileira e Portuguesa, mas também os modos de ler a seleção.

Partindo desse pressuposto, nossa proposta é apresentar um projeto de leitura que atenda às necessidades e aos anseios de nossos alunos, por uma leitura mais dinâmica e atual, pois acreditamos que trabalhar ou ensinar a literatura somente através de conceitos, seja impedir que o aluno desenvolva sua própria percepção e senso crítico, visto que na maioria das vezes são induzidos por nós professores e forçados a considerar que tal obra é melhor, em detrimento de outra, embora, muitas vezes eles (tanto professor, como o aluno) nem tenham lido uma ou outra.

Atualmente discute-se muito a nova proposta curricular articulada pelo Ministério da Educação, que propõe várias mudanças. Para o nosso

trabalho, uma nos interessa em particular, a que diz respeito ao ensino da literatura. O baixo desempenho dos alunos nas avaliações externas como vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), exames que avaliam principalmente a competência leitora – competência essa que está intrinsicamente ligada à literatura – é um dos motivos que justificam a proposta de mudança, visto tratar-se de uma competência necessária para desenvolvermos o aprendizado em todas as outras áreas. A definição da capacidade (competência) leitora estabelecida pelo documento oficial da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico e o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (OCDE / PISA) vai neste sentido: “A capacidade leitora consiste na compreensão, emprego e a reflexão pessoal a partir de textos escritos com o fim de alcançar metas próprias, desenvolver o conhecimento e o potencial pessoal e de participar na sociedade”. Nessa perspectiva, podemos estabelecer que o leitor competente é ativo na construção de sentidos e que ler é uma negociação de significados. As experiências que o leitor carrega são evocadas durante o ato da leitura e possibilitam um diálogo com o texto. Quando isto efetivamente ocorre, o leitor rompe sua sujeição aos aspectos superficiais do escrito e torna-se sujeito do conhecimento capacitado a estabelecer elos compreensivos entre o textual e a realidade social.

De acordo com Marin (2001, p. 119) “ler é compreender o que lemos, dotar essa operação de reconhecimento da estrutura de significante de uma significação, (...) Ler também, é enfim, decifrar, interpretar, visar talvez adivinhar o sentido de um discurso”. Ou seja, o leitor é sujeito ativo do processo. Ler é atribuir sentidos e ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida.

Todavia, por várias escolas que já trabalham o discurso é quase unânime entre os professores a respeito do pouco interesse por partes dos alunos pela leitura. Um dos apontamentos desse problema parte de que a proposta de leitura estabelecida no currículo já não atende as necessidades de um público que vive o imediatismo e a rapidez da dinâmica social, ao passo que na escola se deparam com à imposição para lerem clássicos da literatura, cuja linguagem foge do seu contexto, não tem contribuído para a formação de leitores, basta observar que quase sempre, as propostas de literatura contemporânea têm aceitabilidade entre os mesmos. Para autores como Souza e Cosson:

[...] o objetivo maior da educação
literária na escola é nos formar como

leitores, “não como qualquer leitor ou um leitor qualquer”, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive (SOUZA; COSSON, 2013, p. 106).

Essa constatação despertou o interesse para trabalharmos a leitura do Ensino Médio com uma proposta de inovação e para isso instituímos como prática pedagógica uma vez na semana uma aula de leitura, com o intuito em um primeiro momento de despertarmos o interesse pela leitura, para instituímos, ou construirmos aos poucos uma leitura mais criteriosa, com o intuito de formarmos leitores literários.

Muito embora, ciente, das dificuldades que permeiam nossa profissão, e entre elas pode-se aqui destacar a falta de estímulo e de concentração dos nossos jovens, em meio ao mundo cada vez mais midiático, temos convicção que estimular a leitura é promover o nosso aluno da condição de sujeito apático e improdutivo ao de sujeito participativo e reflexivo.

Sendo, a leitura a chave que nos permite entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação, nosso projeto busca através de um trabalho conjunto, participativo e comprometido em ajudar a comunidade escolar a desenvolver o gosto pela leitura e pela produção de texto, possibilitando aos alunos que estes se tornem leitores e escritores reflexivos e críticos participando de forma ativa da sociedade, na qual se encontram inseridos.

O Projeto “Nas rodas do saber”

Quando decidi cursar “Letras”, o que mais motivou-me foi o meu apreço pela “leitura”. Lembro-me que desde muito cedo minha atividade predileta era e sempre foi ler. Todavia, quando cursei o ensino médio a leitura já não era vista por mim como algo prazeroso, pois tínhamos que ler determinado livro em determinado tempo e a leitura para mim daquele jeito não era mais uma atividade atrativa, passou a ser imposta, arbitrária, antidemocrática. Desse modo, quando iniciei meu

trabalho como professora, um dos desafios foi trabalhar a literatura por um viés mais contemporâneo e ao mesmo tempo não fugir da proposta curricular, cujo objetivo é formar leitores literários. Surgiu então, em conjunto com outros profissionais, a ideia de organizarmos vários livros em um “carrinho de compras” (desses de supermercado), com variados gêneros (Romances, H.Q, Fábulas, Crônicas, Literatura estrangeira e Brasileira, entre outros) e oferecer aos alunos, sem imposições, sem preconceitos. Nosso objetivo é deixá-los escolher de acordo com seus gostos, suas preferências.

Essas aulas acontecem uma vez na semana, sempre nas segundas feiras, data combinada previamente com os alunos, visto que, muitos deles trazem seus livros preferidos de casa. Então, na aula de Português a professora vai até a sala com o carrinho e os alunos escolhem o que vão ler, ou continuam lendo àquele que já haviam escolhido anteriormente. Para que não haja confusão entre os alunos quanto à escolha, fizemos uma “ficha” das obras, onde o aluno assina ao lado da obra escolhida, o que lhe garante continuar lendo aquele livro enquanto tiver interesse. De acordo com Lajolo:

“É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do Ainda aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos [...] a relação entre livros e faixas etárias, [...] interesses e habilidades de leitura é bem mais relativa do que faz crer pedagogias e marketing.” (LAJOLO, 1993, p. 109)

Para a mesma autora (1993): Para obtermos êxito nas aulas de leitura é preciso avaliar todos os processos, pois o que está acontecendo é que a leitura nas escolas está sendo praticada para extrair do texto uma informação para responder a questões formuladas, ou seja, é simplesmente, uma simulação de leitura, quando na verdade deveríamos ler para entender o mundo, para viver melhor. Para Lajolo quanto mais abrangente for a concepção de mundo, mais intensamente se fará leituras do mesmo. A leitura transforma sua visão de mundo, a partir do olhar do autor e das viagens possíveis de se fazer através da leitura. Portanto, concordamos com a visão da autora de que a finalidade básica estabelecida para as práticas de leitura é ler para compreender os textos, participando

criticamente da dinâmica do mundo da escrita e posicionando-se frente a realidade. Muito embora, esse conceito não precisa está restrito aos pressupostos que só há formação de leitores literários, através da leitura de clássicos da nossa literatura. Ora, se o intuito é fomentarmos a leitura falta-nos justificativa para apresentarmos aos alunos que determinada obra deve ser lida em detrimento de outra, ou ainda, como distinguir um texto literário de outros não considerados como tal. Para Leffa:

A qualidade do ato da leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade da reação do leitor. A riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor. (LEFFA, 1996, p.14)

Nessa perspectiva, acredita-se que a educação busca adequar-se às mudanças pelas quais tem passado a sociedade, sendo assim, como insistir em trabalhar a literatura somente do século passado? Por quê não incluir as contemporâneas e assim poder confrontá-las num dialogismo que certamente contribuirá para uma reflexão e um aprendizado significativo. Para tanto, recorremos a ideias como a de Frederico:

Assim, à escola, em geral, e ao Ensino Médio, em particular, cabe exercer esse papel que deve ser encarado não como imposição curricular, mas como disposição de uma chance única, cujo acesso as exigências da vida cotidiana tendem a vedar. A experimentação literária torna-se assim uma exigência ética da escola. É o momento do exercício de percepção e de incorporação de um tipo de discurso ou comportamento linguísticos que corresponde ao exercício pleno da liberdade criadora. Por seu acesso, o aluno conseguirá perceber e exercitar as possibilidades mais remotas e imprevistas a que a sua Língua pode remeter. Do que acabamos de dizer depreende-se que não há um momento, um gênero ou um autor pelo qual o aluno possa ser iniciado academicamente em literatura. A única exigência no caso será a da escolha de um material, que ao mesmo tempo que potencialmente provoque uma empatia por parte do aluno, não repita experiências já assentadas, mas sim exija, a partir dessa disponibilidade, um deslocamento para a novidade. (FREDERICO, 2014, p.79)

É importante destacarmos também que, quanto à dimensão econômica nosso projeto não conta com verbas destinadas para compra de livros e já que nem sempre as escolas têm um acervo atrativo para o público jovem, nosso projeto conta com as aquisições feitas pelo próprio professor, das doações feitas por alguns professores, pessoas da comunidade e também de alguns alunos. Além da leitura o projeto conta também com a produção textual. A cada aula de leitura os alunos escrevem resumidamente aquilo que leram. Normalmente, aproveitamos essas aulas onde conseguimos um espaço mais apropriado para fazermos as intervenções gramaticais. Nesse aspecto nossa fundamentação busca a vertente de Paulo Freire (1994, p. 14) “O ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido.”

Trabalhamos também a socialização, ou seja, no final de cada bimestre fizemos uma aula, onde cada aluno fala do livro que leu e os demais podem fazer perguntas ou algum comentário e em seguida fizemos uma reflexão. Autores como Kremer mencionam essa prática de leitura em sala de aula ou fora dela referindo-se aos: “Momentos nos quais fazemos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, contando mesmo”. (Kremer, 2000, p.21)

Desse modo, também trabalhamos outro aspecto importante na formação do sujeito que é a oralidade. Se considerarmos a língua falada como objeto de ensino, suas especificidades precisam ser reconhecidas, estudadas, deslindadas, especialmente no espaço escolar, ainda um pouco distante dessa reflexão. Corroborando com essa temática, Marcuschi (2001, p. 25-26) afirma que a “oralidade seria uma prática social para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”, ou seja, sua realização acontece de maneira informal a mais formal, nos mais variados contextos. Esta virada em relação a oralidade e escrita acontece a partir dos anos 80, sendo uma reação as décadas anteriores, pois as mesmas eram vistas como opostas. Ainda de acordo com Marcuschi:

Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sócias e culturais. (MARCUSCHI, 2002, p.16)

Partindo desse pressuposto, entendemos que os Professores são responsáveis por observar a linguagem falada como parceira da linguagem escrita, e ainda, temos a responsabilidade -como professores- de mostrar aos alunos que existe uma distinção entre elas, não podendo ser concebidas de forma separada, pois uma influencia a outra constantemente e vice-versa. Em nosso caso específico, aproveitamos o projeto para trabalharmos essa tríade tão importante: LEITURA, ESCRITA e ORALIDADE. De acordo com Kremer:

Não creio que entender a leitura e a escrita como experiência seja saída ou solução definitiva para nada. Nem me parece que essa concepção exclua as demais. Apenas penso que pode ser formadora, ou seja, que pode contribuir no processo de constituição de sujeitos sociais que tenham valores e modos de agir que hoje parecem fora de moda. A leitura e a escrita podem, na medida em que se configuram como experiência, desempenhar importante papel na formação dos sujeitos (KREMER, 2000, p.22).

Acreditamos trabalhar, não em um projeto milagroso, capaz de sanar todas as dificuldades detectadas na educação de nossos alunos, mas sim, num processo complexo, longo, moroso, de conhecimento que vai despertando sua consciência e que poderá levá-los a querer buscar recursos para sanar suas deficiências de aprendizagem.

Desse modo, nosso trabalho justifica-se na alegria de ver alguns de nossos educandos relatarem que antes desse projeto nunca haviam lido um livro, mas, ao decorrer do ano, percebem que além da literatura exercer variadas funções, ainda pode ser uma oportunidade de lazer. Esse projeto de leitura realizado no ano de 2017, culminou em um outro projeto “Maria em Ação” onde, os alunos escolheram determinada obra literária e fizeram um curta-metragem. No dia 03/12/2017 realizamos à noite do Oscar, para homenagear nossos artistas/alunos. Para tanto, elencamos várias categorias: melhor ator, melhor atriz, melhor filme, melhor direção, melhor roteiro, entre outros. Foram convidadas pessoas de notório saber acadêmico, para integrarem a comissão julgadora e elegerem dentre às obras, àqueles alunos que se destacaram melhor nas várias categorias. Enfim, nosso projeto continua nessa escola, pois segundo à avaliação dos alunos foi um “Projeto Surpreendente”.

Considerações Finais

Entendemos que o hábito de leitura é uma prática extremamente importante para desenvolver o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação. Contudo, nem sempre a tarefa de estimular esse senso nos alunos tem se mostrado fácil, enfrentamos desafios diariamente para mantermos o projeto, cujo resultado não pode ser mensurado à curto prazo. Porém, percebemos que nas turmas na qual desenvolvemos esse trabalho algumas mudanças têm ocorrido, como por exemplo, uma melhora na escrita, interesse em querer saber o significado das palavras, alunos que estão comprando livros. Mas, além desses resultados, tenho observado em algumas aulas, que quando algum aluno pergunta sobre o significado denotativo de alguma palavra, perguntamos se alguém da turma sabe, nesse momento faz-se alguma reflexão e então, alguns alunos apontam o sentido conotativo que a palavra adquiriu de acordo com aquele contexto. Paulo Freire (1989, p.9) ressalta a importância do ato de ler para a formação do indivíduo, pois ler é tomar consciência, é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Por isso, queremos em nossa prática ensinar a Leitura e escrita como prática de liberdade.

Enfim, sabemos que estamos longe de alcançar um modelo educacional voltado para a leitura que seja ideal, todavia, temos plena convicção que estamos no caminho certo, visto entendermos que a leitura faz parte da formação cultural de cada indivíduo, estimula a imaginação, proporciona a descoberta de diferentes hábitos e culturas, amplia o conhecimento e enriquece o vocabulário. Ler, segundo Freire, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Portanto para nós, nessa perspectiva, nosso projeto “Nas rodas do Saber” tem contribuído para a libertação do indivíduo.

FREDERICO, Enid Yatsuda. **O lugar da literatura**. Remate de Males, v. 34, n. 2, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

KRAMER, Sônia; MELO, D. **Leitura e escrita como experiência**. Presença Pedagógica, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. (2002). “**Gêneros textuais: definição e funcionalidade**” In **DIONÍSIO, Â. et al. Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna.

MARIN, Louis. **Aprendizados**. In: **CHARTIER, Roger et al. Práticas de Leitura**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

NASCIMENTO, Manoel Nelito Matheus. **Ensino Médio no Brasil: determinações históricas**. Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, v. 15, n. 1, 2009.



SOUZA, R. J.; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula.**

São José do Rio Preto: Objetos educacionais do acervo digital da Unesp: 2013.